REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

21.º Anno — XXI Volume — N.º 710

20 DE SETEMBRO DE 1898

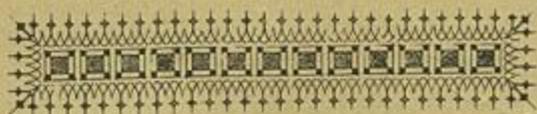
Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

COROAÇÃO DA RAINHA DA HOLLANDA

S. M. A RAINHA GUILHERMINA

CHRONICA OCCIDENTAL

Ha semanas assim luctuosas e tristes, em que os crimes e os desastres veem de enfiada, como contas de um rosario.

Abre-se a medo um jornal, já quasi na certeza de que, em grossas letras normandas sobre columnas de prosa compactas, virão annunciados algum cruel assassinato, a desgraça d'uma familia, o ultimo horrivel crime d'um novo facinora famoso, immortalisado pela bestialidade.

Que tenham os crimes o que quer que seja de epidemico podem os moralistas e psychologos explical-o por qualquer forma; mas que assim seja com os desastres, isso confunde-nos e derriba todas as theorias philosophicas.

E entretanto parece dever ser assim. Apesar do grande movimento nas nossas linhas ferreas, raros são entre nós os desastres como ultimamente se deram com muitas pessoas muito conhecidas em Lisboa, o Dr. Holbeche, e os srs. Andrade de Almeida e Costa Guerra.

Uma morte tivemos a lamentar, a d'esse excellente homem, querido de todos os collegas, que a barbara morte veio colher exactamente quando elle buscava uma alegria na vida, em que descançava um pouco das fadigas de tantos dias de aturado trabalho. O Dr. Holbeche deixa viuva a quem enviamos os nossos sentidos pezames.

As outras victimas vão melhorando, e embora seja grave ainda o estado do sr. Costa Guerra, ha todas as esperanças de salval-o.

Embora nos fossemos habituando aos casos tristes, era tão hediondo o crime cuja noticia o telegrapho nos transmittiu, que, só a medo, sem as letras garrafaes que são d'estylo n'este caso, os jornaes se atreveram a dar-lhe publicidade.

Nada porém, mais certo. Luigi Luccheni, um italiano, só pela vangloria de provar aos companheiros que não era um traidor, apunhalára a Imperatriz de Austria.

A pobre senhora, que se fizera inscrever no hotel Beaurivage com o nome de Condessa de Hohenembs, chegára, havia pouco, a Genebra e dispunha-se a dar um passeio pelo lago, quando o assassino italiano se approximou d'ella, e só pela razão de que era de sangue real a sua victima, enterrou-lhe o punhal no coração.

A infeliz expirou pouco depois. Desde a morte do filho, que uma infeliz historia de amores conduzira ao suicidio, a vida era para ella um constante tormento. Viajava continuadamente, procurando atordoar a dôr enorme que lhe habitava no peito. Quando todos maldizem o punhal injusto que lhe arrancou a vida, talvez ella, á hora da morte, o houvesse abençoado.

Quanta mulher não haverá n'este mundo miseravel que não trocaria a desgraça que a opprime pela ventura d'aquella imperatriz, que nem uma só noite deixou de encontrar a Dôr fazendo-lhe companhia á cabeceira!

Não foi feliz na terra, não. Para onde ia, acompanhava-a a enorme desgraça que a perseguia, que dentro em sua alma estabeleceu morada. Rainha de Hungria, Imperatriz d'Austria, quanta vez não houvera de invejar as mulheres que encontrava pelas ruas, de pé descalço, mas levando nos braços um filho em cujos beijos encontravam animo, alegria, forças para o labutar da vida.

Um crime poz termo áquella dôr. O assassino em breve será julgado. A policia que não soube evitar o assassinio, deitou immediatamente a mão ao criminoso.

A mesma sorte só tarde teve a policia de Lisboa, que, por muitos dias deixou correr á solta o fadista que n'uma casa de batota a Santo Amaro deu cabo do dono da tavolagem, porque este lhe não emprestou tres tostões para a desforra.

Mas a maior parte dos crimes ultimamente commettidos no districto de Lisboa teem tido como razão principal o amor avaro de cada um ao que é seu. Perto de Cascaes é um proprietario que ferra uma chumbada n'um soldado que lhe ia aos figos; em Sacavem são os donos d'uma vinha accusados de porem á nora durante umas poucas de horas um homem que lhes roubou um cacho; na Outra Banda, tambem por causa d'umas uvas, diz-se que um patife metteu uma bala no corpo d'uma criança de oito annos.

Ora por muito respeito que a propriedade nos deva merecer, este possessivo *meu* tem restricções.

Ha homens, de quem Sousa Martins dizia que tinham a hypertrophia do Eu, que fazem um abuso terrivel d'esse possessivo, até quando não é grammatical nem muitas vezes verdadeiro, e falam assim: — «Eu ia na minha carruagem puxada pelos meus dois cavallos novos e disse ao meu cocheiro que parasse no fim da minha rua.» Textual. Ouvi-o.

Eu, meu, minha, não teem outra coisa na bocca! E por causa d'umas uvas... *minhas!*... matam uma criança!

Dos que teem tanto amor ao que é d'elles, fica se a gente scismando se o não roubaram.

E é d'essas tristes novas que todos os jornaes veem cheios, afóra noticias do *high-life* que se diverte pelas praias com *law-tenis, matchs, bridges, raouts, five o'clok teas, cotillons, soirées, picnics, rally-papers* e muitas outras coisas em italico capazes de fazer criar agua na bocca a qualquer, como a um esfaimado a lista dos pratos da *Maison Dorée*.

E emquanto ella, nos braços do pae, volteia feliz, elle, encostado ás hombreiras da porta, recita talvez mentalmente os versos da *Paquita*.

Entrei no baile, quando a valsa rapida
Corria as salas em airozas voltas,
Das leves roupas, transparentes, soltas
Que doce aroma se esparzia no ar!
Parei mirando aquellas frontes candidas,
Que se animavam de alegrias loucas,
Amor calando nas graciosas boccas,
Amor dizendo no inspirado olhar.

Ou talvez elle, cheio de ciumes, agarrado á carteira do escriptorio, não possa senão dizer á feliz que põe pé em ramo verde, como o poeta da Arcadia:

Praias que banha o Tejo caudaloso,
Ondas que sobre a areia estaes quebrando,
Nimphas que ides escumas levantando,
Escutae os suspiros de um saudoso.

E vós tambem, ó concavos rochedos,
Que dos ventos em vão sois combatidos,
Ouvi o triste som de meus gemidos,
Já que de Amor calaes tantos segredos.

Ai, amada Tircéa, se eu pudera
Os teus formosos olhos ver agora,
Que depressa o pezar que esta alma chora
No gosto mais feliz se convertêra!

E d'ahi talvez elle desconfie que a Tircéa o vae esquecendo, e, presentindo moiro na costa, deixe correr o marfim, cantando para desafogar o *Pirolito que já bateu.*

Nas praias os divertimentos não esmorecem. Estão agora na maior animação que durará até meados do mez que vem. Os chronistas da moda, sempre adoradores do italico, assim o transmittem pelo telegrapho, participando-nos que a estação *bat son plein.*

Em Cintra, no Parque do Douche, onde o nosso amigo, sr. Conde de Valenças, possue uma das mais lindas habitações da encantadora villa, n'uma festa intima, reuniram-se no dia 15, anniversario do illustre homem de letras, varios amigos que o brindaram com verdadeiro enthusiasmo. Fallaram os srs. Hintze Ribeiro, Caetano Alberto, A. Vargas, etc. Verdadeira festa de familia como aquellas arvores velhissimas já muitas teem visto e muitas mais verão, se o céo attender aos nossos desejos.

Pelo norte tem andado algumas companhias dramaticas organisadas em Lisboa, de sorte que até no que se refere a theatros, este mez, a provincia vai levando a palma á capital.

O Valle acompanhado por meia duzia de artistas com que organisou companhia, tem dado uns espectaculos em Cascaes. Terminadas as obras no theatro da rua dos Condes, representará n'esta sala de espectaculos, reformada e muito melhorada, operas comicas e revistas.

A respeito do theatro de D. Maria nada consta de positivo. Requereu ao governo um pequeno numero de artistas dramaticos, mas como d'esses mesmos uma parte se acha compromettida por outras escripturas até ao fim da proxima epoca theatral, não pode prever-se por emquanto qual a resolução que será tomada no ministerio do reino.

O maior defeito do decreto, o que não quer dizer que tenha poucos, foi, como varias vezes o fizemos notar, a data em que o publicaram. Porque assim foi não sabemos; porque tão tarde acordou o governo ignora-se. Misterios. O resultado se está vendo agora.

Esperemos com santa paciencia, que é a virtude que mais ouvimos recommendar.

Entretanto continuam apenas abertos em Lisboa, desafiando o calor, os theatros da Avenida e do principe Real, não contando os da feira de Belem.

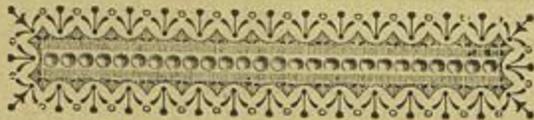
Ahi, todos os domingos, desaba meia Lisboa, que os americanos e comboios mal podem transportar. Enchem-se aquellas ruas de gente e, na alegria brilhante que sahe de todas aquellas barracas, vão todos fazendo o seu negocio, emprezarios de theatros, figuras de cera e monstruosidades, barracas de pim-pam-pum, taberneiros, quinquilheiros, queijadeiras, cafés de hespanholas, a menina gorda e o anão dos assobios.

Umas tardes chuvosas vieram abrandar um pouco os calores excessivos dos ultimos dias. O verão despede-se. Dentro em pouco abrirão os theatros em Lisboa.

Noticias de peça de sensação nenhuma por ora. Nem mesmo em S. Carlos por emquanto se fala. Diz-se, como boato, que virá a Réjane para o theatro D. Amelia. Pois estas primeiras chuvas costumam ser como que o signal para o começo d'essas conversações.

O calor despede-se dando uma historia.

Um homem suado, offegante, limpando a calva:
— Que calor! E todo o dia sem, ao menos, poder beber um copo de cerveja!
— E você não tinha dinheiro na algibeira?
— Dinheiro na algibeira tinha; mas tinha um amigo ao lado.

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

COROAÇÃO DA RAINHA DA HOLLANDA

As festas da coroação da joven rainha Guilhermina da Hollanda trouxeram á téla da actualidade a activa nação, cuja historia é toda uma epopeia de trabalho.

A ceremonia principal da coroação teve logar no dia 6 do corrente, revestindo grande brilhantismo e vivo enthusiasmo. Os jornaes de todo o mundo teem-se referido largamente a essas festas, mercê dos seus correspondentes especiaes e de alguns dos seus redactores que alli fôram, convidados a assistir a todas as ceremonias, por commissões officiaes, que lhes reservaram os melhores logares.

Fundando-nos, pois, n'uma d'essas correspondencias, affirmaremos que a cathedral de Amsterdam apresentava n'essa occasião um formosissimo aspecto, contribuindo para esse esplendor a qualidade e o numero dos assistentes com os seus vistosos uniformes e condecorações.

Assim que a joven soberana entrou no magestoso templo, acompanhada de sua mãe e dos altos dignitarios da corte, foi saudada por um murmurio de admiração, que traduzia eloquentemente a sympathia do povo pela sua rainha.

Então, um côro, com acompanhamento de orchestra, entoou um hymno expressamente composto para aquella solemnidade, ao mesmo tempo que a joven soberana occupava o throno e a sua comitiva, os altos funccionarios e corpo diplomatico tomavam seus logares, em tribunas especiaes aos lados do throno. Entre as pessoas mais notaveis que assistiram á ceremonia encontravam-se as seguintes de stirpe real: o sultão de Siak, a duqueza de Meklemburgo e o grão duque de Saxonia Coburgo Gotha.

A nobreza, o clero, as principaes corporações, e todas as colonias hollandezas se encontravam alli representadas.

Terminadas as ceremonias preliminares, taes como a leitura dos artigos da Constituição respeitante ao facto, e revestida a rainha com os attributos da monarchia, todos os assistentes se puzeram de pé, e a joven soberana, com voz clara, ainda que um pouco commovida, prestou o seguinte juramento:

«Juro ao povo da Hollanda observar e manter fielmente a constituição da monarchia. Juro egualmente defender com todas as minhas forças a independencia e a integridade de territorio, proteger as liberdades publicas e individuaes e os direitos dos meus subditos, e usar de todos os meios que as leis pôem á minha disposição para manter e augmentar o bem estar do paiz. Que Deus Todo Poderoso me ajude.»

A este juramento seguiram-se os do presidente dos Estados Geraes, que leu a declaração do reconhecimento da soberana, e os dos representantes de toda a nação.

Os reis d'armas annunciaram em seguida que a rainha Guilhermina tomara posse do governo do Estado, e saudaram-n'a com um *viva.*

A rainha leu então uma mensagem ao povo, com a qual findou a ceremonia.

A' sahida da cathedral a joven soberana foi alvo de grandes acclamações que se repetiram até á sua entrada no palacio real.

*
* *

Acompanhando as nossas gravuras, sejam-nos permittidas algumas considerações de caracter historico e biographico que a opportunidade justifica perfeitamente.

Na nossa primeira pagina estampamos um retrato da rainha Guilhermina, copia de uma photographia official, e nas paginas 212 e 213 estampam-se vistas das cidades de Amsterdam, Rotterdam e Utrecht, importantes centros de trabalho, de commercio e de industria.

A rainha Guilhermina Helena Paulina nasceu em 30 de agosto de 1880, sendo filha unica do segundo casamento de seu pae com a rainha Emma Adelaide Guilhermina, filha do principe Jorge Victor Waldeck e Pyemont, a qual conta hoje quarenta annos, e, desde a morte de seu marido, o rei Guilherme III, até á coroação de sua filha Guilhermina, foi a judiciosa regente do reino de Hollanda.

Conta, pois, 18 annos a formosa e joven soberana, que hoje preside aos destinos do pacifico e trabalhador povo hollandez.

Tratando-se d'um paiz que na historia universal apresenta tantos factos communs com o nosso paiz, apraz-nos uma pequena digressão historica a este respeito.

Sem descer a tempos mais remotos, vemos que em 1477, a Hollanda passara a casa d'Austria pelo casamento de Maria de Borgonha com Maximiliano d'Austria. A este succedeu Filippe o *Formoso*, Filippe I de Hespanha, e assim se encorporaram os Paizes Baixos na vasta monarchia hespanhola. Com Carlos V prosperaram immenso as cidades da Hollanda, porém as questões religiosas promoviam a sua desunião.

Então as medidas rigorosas de Filippe II apressaram a sublevação de 1564, que se demorou até 1609, epoca em que a Hespanha concluiu com os rebeldes um tratado de tregoas.

Em 1621 rebentou novamente a guerra, e o tratado de Westphalia obrigou a Hespanha a reconhecer a independencia da Hollanda, conservando ella comtudo em seu poder a Belgica.

Ora foi exactamente por causa d'esta guerra da independencia, que a Hollanda adquiriu a grande importancia colonial que nos assoberbou. Os seus navegadores havia muito que vinham buscar a Lisboa os productos da India.

Quando em 1580, Portugal cahiu em poder da Hespanha Filippe II fechou os nossos portos aos seus subditos em rebellião, e o commercio hollandez, sob pena de succumbir, teve de arrojar-se ás viagens longas e aventurosas. No fim do seculo XVI appareciam os hollandezes nas Indias, e no principio do XVII estabeleciam-se nas Molucas. Attrahidos pelo lucro os commerciantes hollandezes constituiram então uma forte companhia, verdadeiramente soberana, com o titulo de Companhia das Indias Orientaes. Não tardaram a fundar Batavia, e aproveitando a nossa decadencia e o desdem com que a Hespanha tratava as nossas possessões, foram pouco a pouco substituindo-nos no monopolio do commercio do Oriente, que tanta importancia nos dera.

Mas o terreno foi disputado com vigor. As nossas cidades resistiram tenaz e valorosamente; Macau repelliu-os completamente; Malaca resistiu briosamente muitas vezes, antes que succumbisse; em Moçambique não conseguiram fixar-se. Mas das Molucas expulsaram-nos completamente, e no Malabar ficámos reduzidos a Gôa. A propriedade attingida pela Companhia das Indias Orientaes suggeriu a formação de outra, a das Indias Occidentaes, que dirigiu as suas esquadras para a America, tomando uma d'ellas a cidade da Bahia, no Brazil.

Não tardaram os portuguezes a reconquistal-a, mas d'ahi a pouco os hollandezes voltaram á costa americana e tomando Pernambuco, estabeleciam-se solidamente, assenhoreando-se de uma boa parte das provincias do norte do Brazil. E justo frisar que os hollandezes tomaram as nossas possessões, não porque tivessem razões contra nós, mas porque eramos então provincias hespanholas. De forma que quando retomámos a nossa independencia parecia justo que nos restituissem o que nos haviam tomado tão indevidamente; porém não succedeu assim e até depois nos foram conquistando as praças da India. Emfim, os hollandezes foram expulsos do Brazil e de Angola, ficando senhores de S. Jorge e da Mina e de quasi toda a India portugueza.

No seculo XVIII as luctas europeias attrahem a Hollanda e a Inglaterra substitue-a por sua vez no Oriente.

Em 1806, depois de varias contingencias politicas difficeis de enumerar, Napoleão I deu á Hollanda um seu irmão, para que a governasse, cujo reinado durou tres annos. O congresso de Vienna organisou então com a Hollanda e com a Belgica o reino da Hollanda, de que foi soberano Guilherme I, cuja successão se conserva hoje na joven rainha agora coroada.

Por ultimo, em 1830, a Belgica insurge-se e separa se da Hollanda, tornando-se independente. Desde então a Hollanda tem gozado na Europa da mais profunda paz. Todavia, por causa de luctas indigenas, algumas das suas colonias d'Africa occidental foram cedidas á Inglaterra. Mercê, pois, d'esse relativo socego a actividade nacional

não tem deixado um só momento de engrandecer-se.

Uma das nossas estampas representa a celebre cidade de Utrecht, capital da provincia do seu nome e situada na margem do velho Rheno, a sueste de Amsterdam. Notavel pela sua universidade, é como todas as cidades hollandezas bem construida e aceiada; as ruas são largas e cortadas por canaes. O principal monumento é a cathedral fundada por S. Willebrod, no anno de 720 e reconstruida muitas vezes depois. Em 1674 um violento temporal produziu grandes estragos n'este edificio, mas o que se conserva de pé é ainda digno de menção. A antiga torre da cathedral, que está hoje separada da basilica por uma praça publica, tem 121 metros de altura e da sua parte superior, para onde se sobe por uma escada de 453 degraus, descobre-se um vastissimo panorama, toda a Hollanda, porque como se sabe este paiz, todo conquistado ao mar, não tem eminencias. Durante muito tempo Utrecht foi séde dos estados geraes até que passou para Haya.

Como se sabe, foi em 1713, que se realisou n'esta cidade o celebre tratado de Utrecht, que pôz termo á guerra da successão de Hespanha, e que marca na historia, como o de Westphalia, uma das grandes épocas da historia moderna. Então a carta da Europa refizera-se completamente, em prejuizo da Hespanha, e a França de Luiz XIV via sanccionada a sua formidavel unidade, mas coarctada a sua desmedida ambição. A Hespanha ficava restringida na Europa ás suas provincias peninsulares, perdia os Paizes Baixos, perdia Napoles e a Sicilia, perdia o Milanez, e deixava portanto de ser essa potencia predominante, cuja extensão enorme fôra para a Europa um perpetuo terror.

O imperio não conservou tambem por muito tempo as suas possessões do sul da Italia. Alguns annos depois, D. Carlos, filho de Filippe, creava em Napoles uma nova monarchia; o duque de Saboia recebia o titulo regio, e, trocando a Sicilia pela Sardenha, formava ao norte da formosa peninsula esse prospero reino piemontez, predestinado a dar, depois de longas provações, á Italia a ambicionada unidade. Ao norte da Allemanha adquiria tambem o titulo regio o eleitor de Brandeburgo, e de annexação em annexação constituia-se essa Prussia formidavel, que por sua vez logrou unificar debaixo do seu sceptro a Allemanha.

Tudo isto mostra claramente a importancia do tratado de Utrecht, que bem se póde affirmar pôz fim ás guerras do final do seculo XVII, e ao evocar a celebre cidade corre obrigação de alludir principalmente a este tratado.

Fallando da Hollanda, ha que fallar da sua capital — Amsterdam, essa cidade com quatrocentos e seis mil habitantes e que se divide em noventa ilhas formadas por canaes atravessados por trezentas pontes.

Construida em terrenos brandos e humidos, arenosos, as construcções teem os seus alicerces assentes em estacaria. A cidade é rodeada por vastos prados abundantissimos em frescas pastagens. No centro da maior parte das ruas corre um canal limitado em ambos os lados por largos caes e longas filas de arvores.

O palacio real, que outr'ora foi a Casa Consistorial está assente sobre treze mil e seiscentas estacas enterradas a setenta pés.

Nem só pelo seu enorme commercio se deve considerar Amsterdam, a lapidação das pedras preciosas é uma industria rendosa e largamente exercida.

Nenhuma cidade hollandeza melhor do que Rotterdam nos dá ideia do aspecto geral da Hollanda. Canaes, moinhos e aceio. Com as aguas o aceio é extraordinario, com o menor sopro de vento móem centenares de moinhos, serrando madeira, cortando tabaco, etc. Rotterdam é de feitio triangular, e tem tantos canaes quantas as suas ruas.

A sua situação no centro da Hollanda e a facilidade dos navios descarregarem quasi no centro da cidade dão a Rotterdam uma consideração mercantil, a que as facilidades de communicação como Havre, Londres, Paris e Hamburgo e portos do Baltico, accrescentam uma maior importancia.

Com taes portos, com tal povo de indole tão pacifica e activa, desfructando paz segura, e com a corôa na cabeça de uma joven soberana cheia de vida, a Hollanda parece ter deante de si longos annos de risonho futuro.

CAPITÃO DE FRAGATA ANTONIO JOSÉ MACHADO NOVO GOVERNADOR DE LOURENÇO MARQUES

O sr. Antonio José Machado, capitão de fragata, nomeado governador de Lourenço Marques, por decreto de 30 de julho d'este anno, é um dos officiaes mais distinctos da armada portugueza, onde conta cerca de trinta annos de serviço, a maior parte dos quaes empregados em commissões officiaes no Ultramar e na metropole.

Nasceu na cidade de Lagos a 30 de novembro de 1852, e a 3 de novembro de 1870 sentou praça de aspirante de marinha, seguindo o curso muito distinctamente, sendo promovido a guarda-marinha em 4 de outubro de 1873, a 2.º tenente em 10 de maio de 1877, a 1.º tenente em 5 de junho de 1884, a capitão tenente em 6 de maio de 1892 e a capitão de fragata em 30 de julho d'este anno.

Tem desempenhado varias commissões de serviço, sendo as mais importantes as do commando do vapor *Sena*, da corveta *Rainha de Portugal*, das canhoneiras *Mandovi* e *Douro* e a esquadrilha do Congo. A correcção e intelligencia com que sempre se houve n'estes commandos provaram os seus apreciaveis dotes de marinheiro e disciplinador, pois que n'uma das ultimas viagens que fez na *Douro* conseguiu trazer o navio ao Tejo em boa ordem apezar do pessimo estado em que o barco se encontrava, demandando immediato fabrico. Aquella viagem foi para o sr. Antonio José Machado um verdadeiro triumpho.

Mas não é só o marinheiro ousado que temos a apreciar, senão tambem o homem de gabinete e isso se vê pelas commissões que tem desempenhado em terra, sempre com zelo e de modo superior. Entre estas citaremos a de ajudante da 1.ª direcção do Arsenal da Marinha; ajudante do chefe do Departamento Maritimo do Centro e da Cordoaria Nacional; vogal da commissão encarregada de formular as instrucções e regulamentos necessarios para a execução do processo, da arqueação dos navios, e de propor as modificações no mappa dos emolumentos das capitanias dos portos do reino e ilhas adjacentes. Chefe da 3.ª repartição do conselho do almirantado e chefe na secção da Direcção Geral das Alfandegas.

Não faltam, pois, ao sr. Machado habilitações e pratica dos serviços publicos e conhecimento dos negocios do Ultramar para bem se desempenhar da difficil commissão para que foi agora nomeado, e dizemos difficil pelas condições excepcionaes em que n'este momento se encontra Lourenço Marques.

Estamos certos que o novo governador dará mais uma vez provas do seu zelo e intelligencia no desempenho d'esta importante commissão, e são esses nossos votos com que o acompanhamos em espirito atravez dos mares por onde vae ainda em viagem e n'aquelle pedaço de terra portugueza uma das joias mais valiosas da coroa de Portugal.

AS CINZAS D'ALBUQUERQUE

Já vimos que morreu embarcado, á vista de Gôa, o maior portuguez que viu luz na patria de Camões.

Existia uma capella, sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição, que elle mesmo tinha fundado, no logar da porta pequena d'aquella cidade.

Foi ahi que jazeram os seus restos mortaes nos primeiros tempos que se seguiram á data do seu fallecimento.

Annos depois, um filho do insigne morto, por nome Braz d'Albuquerque, logrou que aquellas reliquias preciosas fossem transportadas para a metropole.

Foi em 1566, tendo permanecido até então na capella humilde, lá no theatro mais lidimo da sua gloria.

Actualmente, acham-se depositadas no mosteiro de Nossa Senhora da Graça, na nossa capital «na forma que havia sido determinado em suas ultimas disposições.»

É apropriado o tumulo, e é boa sentinella a imagem veneranda do Senhor dos Passos.

Soldado inexcedivel no cumprimento fiel dos deveres militares, cidadão honestissimo e amante do seu rei, crente sincero e tão fervoroso que não teria trepidado em expor-se ao martyrio, o seu espirito immortal deve ter experimentado doces alegrias, de saber o corpo em habitação que tanto desejara e de tal santidade. Motejem embora, disparando gargalhada alvar, os que se intitulam animos fortes e politicos sabios n'este seculo de luzes, no Portugal miserando; o peor porém, é que capitulando de enfermiços os catholicos verdadeiros e repellindo o symbolo redemptor, mais parecem nos actos da vida publica antros de podridão e enxurros de fezes, do que homens conscientes da sua dignidade e da honra do paiz em que nasceram. Fossem invertidos os papeis e trocadas as pessoas, e a historia portugueza em vez de mostrar nos seculos dos descobrimentos maritimos gigantes de valor inconcusso e de nobre galhardia de sentimentos, apenas mencionaria pygmeus asnaticos, de extracção vil, arreganhando os dentes com soffreguidão canina por titulos e por veneras de calote, voltando as costas ao inimigo com o ceremonial mais irreprehensivel, engenhando discursos de solução pingue, e celebrando contractos com grande estudo e da maxima lisura, cujo objecto de transacção é sempre a patria!

Se Albuquerque, se levantasse agora do tumulo e visse que ordem de processos politicos estão em moda e que systemas são preferidos e adoptados no governo das cousas, não morreria de magua pela ingratidão de que foi victima mas de vergonha e de nausea.

Sendo o conde das Antas, governador da India, Claudio Lagrange Monteiro de Barbuda, advogou a idéa de se erigir em Gôa um monumento a Affonso d'Albuquerque.

Encontrou echo a sua lembrança muito louvavel, reforçada ainda por motivos intuitivos de conveniencia local e nacional, sendo lançada a primeira pedra no dia 17 de fevereiro de 1843.

A conclusão do monumento occorreu aos 29 d'outubro de 1847, durante o governo de José Ferreira Pestana. Apesar da sua relativa simplicidade, é digno padrão, recordando aos habitantes de Goa a significação historica do vassallo inclito do venturoso manarcha, que em seu testamento assignado aos 7 d'abril de 1517, consignava esta recommendação credora de memoria: «Item minha vontade he de minha sepultura ser no Mosteiro de N. Senhora de Bellem dentro da Capella-mór, diante do altar-mór, abaixo dos de graos, e que se me não faça outra sepultura, senão huã campa cham, de maneira que se possa andar por cima della, e asim mando que se me faça.»

Palavras são estas de bello conceito moral, e não menos expressivas de pura uncção religiosa.

É pena que D. Manuel não estivesse verdadeiramente á altura do seu papel singular; mas a boa justiça manda que se diga que elle procurou reparar quanto possivel as más consequencias do seu proceder leviano em relação a Affonso d'Albuquerque.

Não só escreveu ao conquistador de Goa, investindo-o novamente de auctoridade e dizendo-lhe que ficasse, como tambem mandou instrucções a Lopo Soares d'Albergaria, que substituira Albuquerque no mando superior, para que usasse com o seu antecessor de todos os respeitos e de todas as considerações que se deviam a quem levara tão longe e com tanta gentileza o nome portuguez.

E se o immortal Affonso, cuja estrada radiosa fôra encetada por feitos estremados em Arzilla e em Tarento, não chegou a receber do rei de Portugal a prova d'arrependimento que lhe encheria a alma de jubilos e satisfaria o seu pundonor, foi devida a falta não a designio injustificado dos homens mas a uma lei severa e muitissimo alta, a lei da morte.

Estão portanto, em Lisboa as cinzas de Affonso d'Albuquerque.

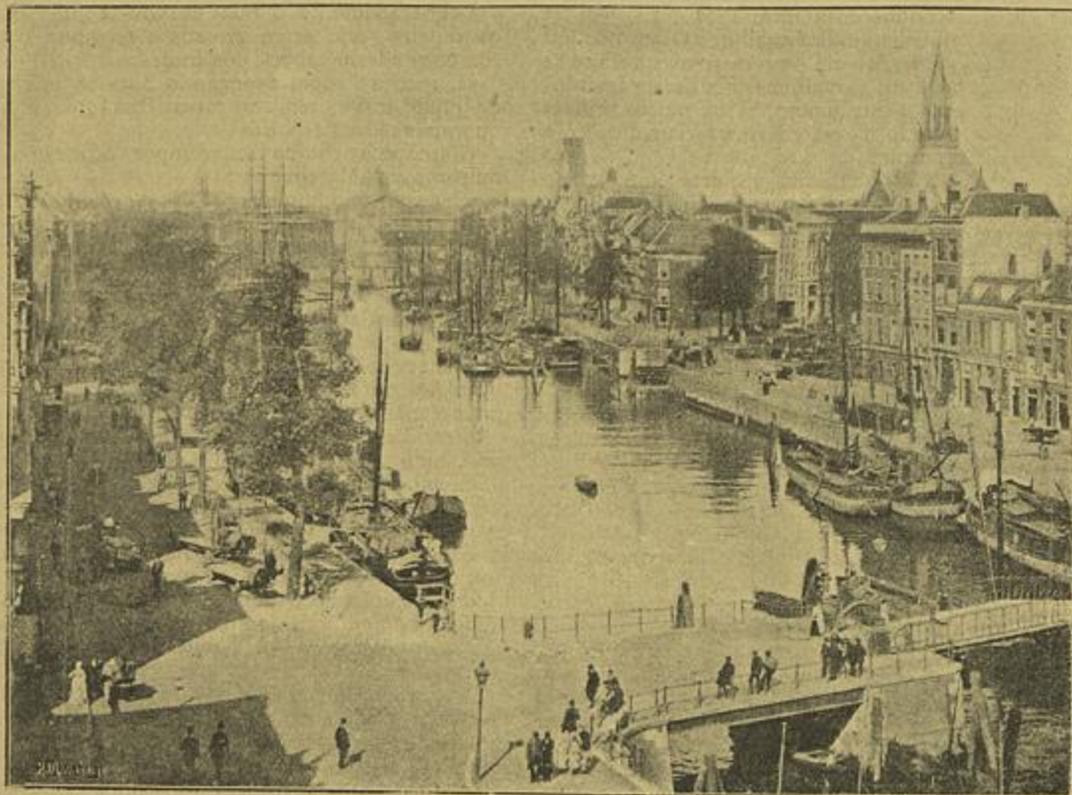
Repousam, como convém a um thesouro semelhante, no ponto culminante d'uma eminencia, tão sobranceira ás aguas do rio magestoso de que é rainha a cidade *«de marmore e de granito»* quanto exposta ao olhar da população e dos forasteiros.

São veladas pela cruz de Christo, que se ergue para os ares na grimpa do templo que as contém; e se a estupidez crassa da maioria dos nossos governantes, permitte a facecia inaudita de haver muita gente portugueza que ignora onde param actualmente as particulas derradeiras do cadaver d'Affonso d'Albuquerque, é certissimo que a presença d'ellas na Graça dá lustre sufficiente á nação e grande honra á sua capital.

Se um dia, Portugal, *«pobre velho»* tornar a occupar a sua posição brilhante no labor viril dos progressos e da civilisação, n'esse dia, o povo inteiro ha de celebrar febricitante de gratidão, o centenario solemnissimo do varão por excellencia, a quem Deus suscitou sonhos d'imperios e dotou com pulso ferreo para domar a India e realisar o inverosimil.

Factos d'esta categoria, são auroras rutilas de justiça divina, na esperança dos povos e na consciencia das multidões.

Finalmente, digamos com João de Lemos:

COROAÇÃO DA RAINHA DA HOLLANDA

ROTTERDAM

«Mas se deves escravo humilhado
«Para sempre em teus ferros jazer,
«Não, não queiras viver deshonrado,
«Vale mais para sempre morrer.»

E não quererás esmagar os ineptos e os maus, Portugal?!

D. Francisco de Noronha.

O MAU OLHADO DE FUAS MAIA

Do livro de Gi, que a livraria de A. M. Pereira acaba de publicar sob o titulo de: *Historias*, tiramos este conto genuinamente portuguez pela contextura, pela graça, pelos personagens e pela paisagem. É uma historia para creanças que todos lerão com encanto. A escriptora que se occulta modestamente atraz do seu *petit nom* de familia, felicitamos pelo seu recente volume que todas as mães agradecerão. É de uma leitura sã e proveitosa para as creanças.

*

Antigamente, n'uma parada entre Alcobaça e Thomar, existia uma estalagem de muita fama onde havia sempre optimos petiscos e vinho a fartar.

Viajantes de todas as condições lá iam comer e descançar; fossem elles pedintes, almocreves, bufarinheiros, ou fidalgos e cavalleiros de esporas doiradas.

A casa tinha a cumieira muito alta de onde se levantava na parte da frente um catavento. O telhado era de duas aguas. Por cima da porta, um letreiro dizia:

«*Estalagem do Poço Amarello.*»

Ao subir os tres degraus da entrada, achavam-se os viandantes n'uma grande quadra que servia de cosinha e de casa de jantar.

A um lado, via-se uma enorme chaminé enfeitada com tachos e panellas de estanho luzidio; algumas arcas, mezas e cadeiras de pau com tres pés. Encostavam-se á parede dois armarios negros recheiados de loiça e do teto pendiam resteas de alhos, de cebolas e alguns presuntos bem curados.

Em uma feia tarde do mez de dezembro, o estalajadeiro, Martim Abobora encostou-se á porta, esperando freguezes. Era elle um homem gordo, baixo, de pança enorme e bôa cara toda rapada e muito vermelha.

Chovera todo o dia. A estrada era de lama e o céu tão cinzento que fazia tristeza olhar para elle.

Não era provavel que andassem viajantes pelos caminhos com um tempo d'aquelles; e por isso Martim Abobora ia fechar a porta e depois sentar-se ao lume com os seus criados, quando avistou tres cavalleiros que se dirigiam para a estalagem.

Desceu a correr os degraus e adeantou se para elles.

«Olá, seu Martim! Como vae a pança?

«Homem! olha que venho ao cheiro da tua cebolada!

«Guarde-vos Deus! respondeu o estalajadeiro, que vindes hoje muito alegres. Antes assim, antes assim!...

«Vá, vá... toca a apear. Olá! Gil! Affonso!... levae-me estas mulas para a estrebaria e sem detença. E é esfregal-as com palha que as bestas veem a pingar.

A este tempo cerrara-se a noite e a chuva recomeçára.

«Entrae, homens, entrae!

Deitaram os chapeos para cima de uma arca, estenderam em cadeiras as capas ensopadas, depois, sentaram-se á lareira.

O Martim com as mãos cruzadas sobre o ventre, satisfeito, perguntou:

«Então fazia frio pelos caminhos, hein?

«De rachar—disse um d'elles que era mercador.

«E digam-me uma coisa; porque é que o Fuas Maia, que é folgasão, está hoje com uma cara de metter medo?

«Pois porque ha de ser? Viu dois frades...

«Raios! gritou o Fuas dando um tal murro na meza que a ia tombando.

«Não me fallem em frades se não querem que vá tudo razo!

«Que diacho, homem! não vale zangar por tão pouco, disse o estalajadeiro que estremecera com o grito do outro.

«Arranja depressa a cebolada e põe um cangirão com vinho na meza, que elle o que tem é fome e sede, murmurou o terceiro que era armeiro de officio.

Assim foi. D'ahi a meia hora enchia-se a casa toda com o delicioso cheiro do pitéu e o bom vinho do Martim Abobora espumava nos canecos amarellos.

A cebolada do prato e a viseira carrancuda do Fuas Maia, desappareciam ao mesmo tempo, e, com o calor do vinho, communicava-se-lhe a alegria dos companheiros.

Tanto que, no fim da ceia, ao sentarem-se ao lume, foi elle o primeiro a dizer:

«Como são as coisas!... Eu não posso ver frades; e para ti então, Martim, é o teu fraco!

Lá isso é respondeu o Martim com uma gargalhada,

«E se não fôsse por medo de te agastar, pedia aqui a este homem que nos contasse alguma historia d'elles

«Lá por isso não seja a duvida; que eu, quando estou de maré, tambem gosto de rir.

«Então ande lá, seu armeiro; você é que as conta e bonitas.

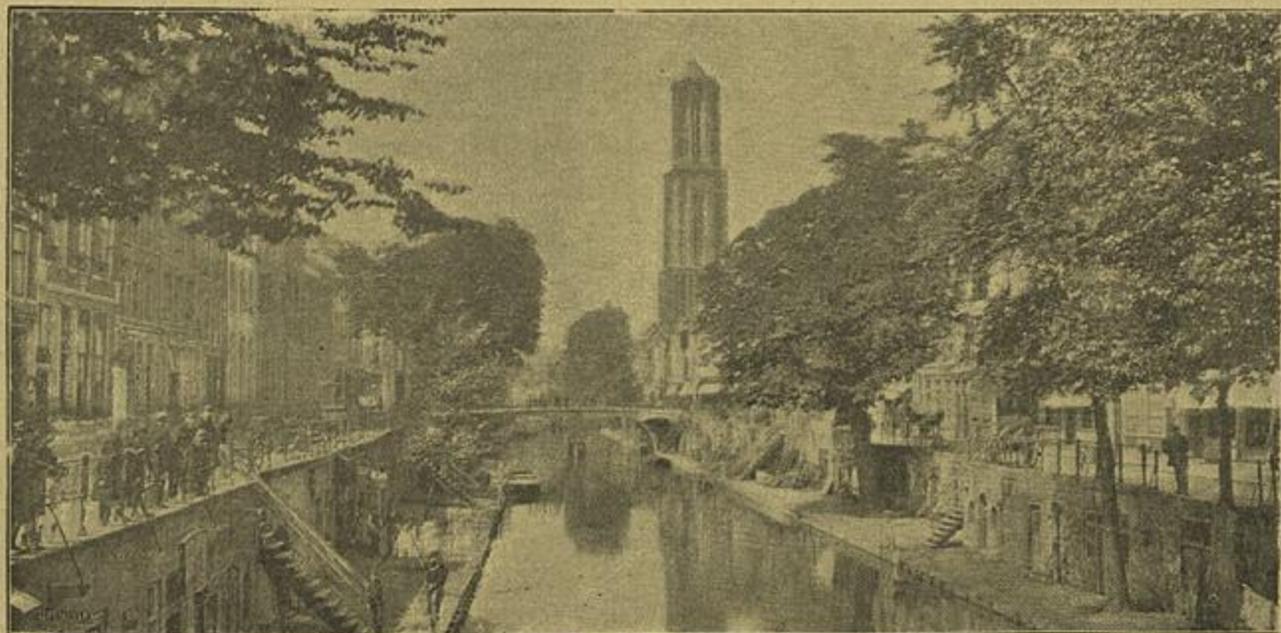
«São favores .. aposto que não sabem aquella dos Bernardos?

«Não, não. Vá lá essa.

«Teem fama de tapados estes frades, e ainda que o não sejam, d'esse máo nome é que ninguem os livra.

«Lá isso são elles.. e peior! resmungou o Fuas.

«Pois contam que um bello dia se espalhou lá na communidade a noticia de que um bispo de grande nomeada (esquece-me agora o nome, mas isso não faz ao caso) visitaria em breve o convento. Ora imaginem vocês a afflicção dos pobres diabos que a respeito de *salamaleks* são... como eu.

Reuniram-se umas poucas de vezes para combinar o que tinham que fazer, mas ficavam sem-

UTRECHT

CAPITÃO DE FRAGATA ANTONIO JOSÉ MACHADO

Novo Governador de Lourenço Marques

pre da mesma. Então, como o tempo ia correndo, tomaram a grande resolução de pedir um mestre de cerimonias a outro convento. Mas faltavam só trez dias e em tão pouco espaço de tempo o frade não podia ensinar-lhes tudo quanto elles ignoravam. O espertalhão, que não estava para massadas e que os achou muito broncos, disse-lhes: Tratem vocês de enfeitar a egreja e o convento o melhor que poderem; e quando o bispo chegar, ponham-se todos atraz de mim e façam o que eu fizer. Por esta forma ficou tudo combinado.— Ao fim dos trez dias chegou sua eminencia com grande acompanhamento; os sinos repicaram e uma chuva de flôres cahiu sobre o prelado. No alto da escadaria esperavam-n'o todos os Bernardos com o mestre de cerimonias á frente. Meu senhor, seja vossa pessoa reverendissima muito bem vindo a esta humilde pousada, disse elle. O Bispo curvou-se ligeiramente e estendeu a mão para o frade lhe beijar o annel. Este entendendo que era bôa a occasião para fazer uma cortezia, fel-a immediatamente; mas com tanta infelicidade, que, escorregando, tropeçou no primeiro degrau e, aos rebolões, só parou no fim da escadaria. Os outros, como lhes tinham ensinado que em tudo imitassem o mestre de cerimonias, tão depressa viram aquillo, precipitaram-se todos de costas aos trambulhões pela escada abaixo com grande espanto do bispo e da sua comitiva que nunca tinham tido uma recepção assim.»

«E' bôa, é!

«Ora o diacho do armeiro!

«Sim senhor! sim Senhor!

«E ha quem diga que os frades são instruidos, exclamou o mercador. Eu conheci um que dizia missa na capella dos Santos Martyres, alli para a banda da Asseiceira, sabem?

«Sim, e depois?

«E não sabia uma palavra de latim.

«Home, essa agora!» disse o Martim.

«Pois é como vos digo. Chegava ao altar e punha-se: Don, don, don, don... são mates, são reinates, batismates... don, don, don... assim levava a missa até ao fim. E o sacristão que estava ensinado, lá quando muito bem lhe parecia rosnava: Amen.

Todos desataram a rir.

«Essa ainda é melhor! Ora... não ha!

Durante um bom quarto de hora só se ouviram gargalhadas por toda a cosinha, pois a este tempo, já os moços tinham voltado da estrebaria e faziam côro com o patrão.

N'isto bateram á porta com força e o mercador, que era folião, disse, olhando de soslaio para o Fuas:

«Querem ver que são frades...

Foram abrir.

Imagine-se o espanto de todos e o desespero do Fuas quando entraram pela casa dentro dois frades com os sapatos enlameados e os habitos molhados que fazia dó!

Eram dois figurões gordos e recetondos, de barrigas volumosas e carões vermelhos, lustrosos, respirando saude. Via-se que eram attreitos á boa vida e a comer e a beber á larga

Um d'elles adeantou-se:

«Podeis dar-nos de ceiar e abrigo por uma noite?

«De ceiar, sim. Abrigo não, que tenho a pousada cheia.

Os dois olharam-se perplexos.

«Com uma noite d'estas.. disse o mais velho que teria os seus cincoenta e tantos annos. «Bem. Paciencia. Venha ao menos alguma coisa que se trinque.

E chegando-se para o lume entraram a extender os habitos para os seccar melhor.

Depois da ceia, que foi copiosa, o mais velho animado pelo bom vinho do estalajadeiro poz-se a conversar com os homens e a dizer as suas graçolas, das quaes o mais novo ria a bandeiras despregadas.

O armeiro tambem se enthusiasmou, e elle e o frade falaram em coisas do arco da velha. Havia muito tempo que não se passava um serão tão divertido na estalagem do Poço Amarello. Mas o Fuas é que não tornára a falar. Mettido a um canto, com os cotovelos fincados nos joelhos e a cabeça encostada ás mãos estava mais carrancudo do que nunca.

Ha coisas que parecem mesmo tecidas pelo demonio.

No meio da palestra, de que havia o frade de lembrar-se? Volta-se para o Fuas e diz em tom de gracejo:

«O que tem aquelle irmão alli do canto, assim tão macambuzio e pendurado? Estará a inventar algumas trovas?

«Vinho, talvez...» respondeu o mais novo deitando-se para traz na cadeira para rir melhor.

Deliberadamente o Fuas curvou-se; descalçou os sapatos, que eram grossos e ferrados, e atirou com elles á cabeça dos frades.

«E rua, já! rugiu avançando para os infelizes de olhar torvo, feio de raiva. Rua!... se não quereis que vos espatife!

«Este Fuas ha-de ser sempre o mesmo... murmurou o Martim.

«Segurem-n'o homens!

Os frades, muito cheios de medo, dirigiram-se para a porta enfiando os capuzes e resmungando:

«Nós vamos, nós vamos... Não queriamos offender... a intenção era bôa...

E sahiram a toda a pressa.

Quando se acharam na rua com o vento a soprar-lhes nos habitos molhados e com os pés outra vez enterrados em lama, o mais novo disse para o mais velho:

«Frei Balthazar, eu sinto uma coisa exquisita na espinha.

«E eu, frei Damião, tenho as pernas a tremer.

«Tenho calafrios na barriga, frei Balthazar.

«Frei Damião, tenho cocegas por todo o corpo.

«Nós iremos morrer, frei Balthazar? perguntou o mais novo aterrorisado.

«Não, se Deus o permittir, frei Damião, mas aquelle homem á sahida da estalagem deitou-nos um máu olhado e por isso é que nos sentimos assim.

«Frei Balthazar, o que nos irá acontecer?

«Tudo, frei Damião; tudo!...

«Jesus, frei Balthazar.

«Jesus, frei Damião...

N'isto viram uma luzinha ao longe e dirigiram-se para lá na tenção de pedirem agasalho por uma noite, pelo amor de Deus.

Bateram á porta e veiu uma mulher abrir.

«Deus vos guarde, irmã, disseram elles. Podeis acolher por uma noite a dois pobres frades que estão a morrer de frio e de cansaço?

«Entrae, irmãos, entrae, respondeu a boa mulher.

Sentaram-se. E então a mulher entrou de suspirar.

«Que tendes, irmã? perguntaram elles com dó.

«E' que não sei onde vos hei-de esconder quando vier o meu homem.

«Esconder?! pois nós somos alguns ladrões?!

«Longe de mim tal pensamento, irmãos! mas é que o meu homem tem uma raiva a frades que é uma coisa por demais. Até chegou a jurar que se os encontrasse alguma vez em casa, era capaz de os matar.

Os dois olharam-se desolados.

COROAÇÃO DA RAINHA DA HOLLANDA

AMSTERDAM

«Morrer... e tão novos, frei Balthazar!...

«Em todo o caso não podeis metter-vos já a caminho, disse a mulher. Estaes transidos de frio e precisaes descançar.

«Tambem o meu homem, com uma noite d'estas, talvez se deixe ficar na estalagem do Poço Amarello, onde foi ceiar com uns amigos.

Os frades tremeram.

«O' irmã, e o vosso homem como se chama?

«Fuas Maia.

«É elle!... é o do máo olhado! Jesus! que destino!... gemeram os infelizes. Partimos já; não ha mais remedio.

«Boa noite, irmã, disse o frei Damião. E Deus pague a vossa caridade.

Iam para sahir quando se ouviram duas grandes pancadas na porta.

«Ai que é o meu homem! exclamou a mulher levando as mãos á cabeça. «Jesus! Senhor!... O que se ha de fazer?!

«Frei Balthazar, agora é que é certo!

«Não tornaremos a ver nossos irmãos nem o convento, frei Damião!

«É dizer adeus aos perús assados de frei Borromeu!

«De vez, frei Damião!

A mulher corria de um para outro lado, espavorida, procurando um sitio onde os esconder; e os dois apavorados choravam no meio da casa, abraçados.

«Pan! Pan!... A porta parecia vir dentro com as pancadas.

«Abre, mulher! com seiscento diabos! gritava o Fuas lá fóra.

«Ahi vou... ahi vou já! respondia ella; e acrescentava em voz baixa empurrando os frades para a janella: «Se quizesseis saltar por ahi....

E elles, medindo a altura com o olhar, indignados:

«O salto é de uma vara, irmã, não póde ser!

Então a mulher, n'um movimento rapido, arrastou uma escada de mão que estava a um canto e encostando-a ás paredes interiores da grande chaminé onde costumava pendurar os chouriços ao fumeiro, disse:

«Depressa, depressa... subí e agarrae-vos aos pregos de cima, aos maiores; tendes outros curtinhos onde apoiar um pé...

«Mas .. irmã, como é possivel que fiquemos alli pendurados!

«E' um instantinho. O meu homen entra já para o quarto e eu venho buscarvos-vos com a escada e abro a porta.

Pan! Pan!...

«Mulher, mulher! que me fazes perder a paciencia!

«Mas... diziam os frades indecisos e pallidos de susto.

«Não tem *mas* nem meio *mas*. E' subir, se não quereis que o meu homem vos espanque e dê cabo de mim. Depressa!...

Então os frades com muitos gemidos e suspiros treparam pela escada conforme poderam e lá se agarraram aos pregos maiores.

Mas porque eram gordos e tinham a barriga cheia de ceboloda e do vinho de Martim Abobora, mal se podiam conservar n'aquella forçada posição.

«E sobretudo, irmãsinha, recommendaram elles não accendaes o lume!

Afinal a mulher lá conseguiu acommodal-os. Arrumou a escada e foi a correr abrir a porta ao Fuas.

Entrou como um vendaval.

«Esta é bonita! Ter cada qual a sua casa e mulher para tratar d'ella, e achar-se horas na rua debaixo de uma carga d'agua, sem haver quem lhe abra a porta! Não sei como te livras de uma sova mestra para te ensinar a ser mais prompta para a outra vez!»

Homem, perdôa... Cuidei que passavas a noite na estalagem e fui deitar-me. Quando te ouvi bater vesti-me á pressa e accendi a candeia antes de abrir. Foi essa a demora.

«Como tu dizes isso... parece que mentes. Que diabo! para que estás sempre a olhar para a chaminé!

«Eu!! Que ideia!... Olha, vae-te deitar, que o teu mal é somno.

«Vê agora se me dizes que o meu mal é vinho como uns damnados frades me disseram ainda esta noite Excommungados! se os apanhasse a geito, esborrachava-lhes as cabeças uma contra a outra!

N'isto ouviu-se dentro da chaminé um barulho como se lá estivesse alguem a bater os dentes com frio.

A mulher, sem querer, olhou para aquelle lado. Mas o Fuas sentou-se n'um mocho resmungado.

«O demonio dos ratos não nos deixam! Olha lá, Maria, accende o lume e aquece-me uma pinguita de vinho. Estou resfriado cá por dentro. Faz uma ventania!...

«Deixa-te d'isso! Vae dormir que logo te vem o calor.

«Que teima! Não tenho somno, mulher!

«Ando tão estafada! Trabalhei todo o dia. Não me faças ter agora mais a canceira de accender o lume.

Então o Fuas voltou-se para ella e cruzou os braços.

«A modos que tu andas com vontade de caçoar comigo, hein? Olha que a brincadeira póde sahir-te cara. Vamos, vamos, toca a fazer o que eu mando, senão...

«Ora escuta, homem, pois então...

«Então o quê... então o quê... Vá! Accende o lume já de caminho, quando não apanhas uma tareia que te ha de ensinar.

Ella, assustada, calou-se e começou a juntar lenha no lar, com muito descanço, para ganhar tempo.

Mas o Fuas impacientou-se e dando um empurrão na mulher, ajoelhou elle mesmo na lareira, accendeu carqueja e poz-se a assoprar.

De repente uma chamma clara e brilhante subiu pela chaminé arriba e ao mesmo tempo duas formas bojudas como pipas, cahiram do fumeiro, apagando o lume

Então o Fuas tombou com o susto, gritando:

«É o diabo! Nosso Senhor nos acuda!

E os dois frades, aproveitando este ensejo, atravessaram a casa correndo e sahiram para o campo.

«Por aqui, frei Balthazar, por aqui! disse o mais novo que dera com um carreiro entre o matto e que fugira por elle o mais depressa que lhe era possivel.

Assim andaram durante duas largas horas até que se deixaram cahir esfalfados. A noite estava escura.

«Onde estaremos nós, frei Damião!

«Frei Balthazar só Deus sabe!

Mas pouco a pouco foram enxergando, encostada a uma parede, larga enfiada de cortiços. Estavam em frente de um colmeal.

N'isto sentiram passos e vozes abafadas coxixando.

«Jesus Christo nos valha! Ha de ser o Fuas que vem atraz de nós para nos matar!

«Eu tenho uma idéa, frei Balthazar.

«Dizei depressa.

«Procuremos duas colmeias vazias e mettamonos dentro.

Elle não se lembra decerto de nos ir lá buscar.

«Valeu, frei Damião!

Approximaram-se quasi de rastos com medo de fazer barulho e procurando entre as colmeias, lá acharam duas vazias onde se encaixaram.

Ainda não se tinham escondido bem quando surdiram do matto dois homens fortes de má catadura.

«Cá chegámos» disse um d'elles a meia vóz. E não foi sem tempo.

«Agora é pegar n'elles e abalar; é preciso atravessarmos a ribeira antes que alguem dê pelo roubo.

«Toca a aviar!

Chegaram-se aos cortiços e foram tomando-lhes o pezo a ver qual tinha mais mel.

«Aqui estão dois abarrotando; pezam como chumbo!

Cada um agarrou no seu abalaram com os frades ás costas.

Depois de meia hora de marcha escorregando e tropeçando na lama, um d'elles parou:

«Aqui está a ponte afinal. Agora já não ha tanto perigo de nos apanharem. Descancemos, homem!

«Descancemos» disse o outro; e acrescentou: Que diabo! nunca vi em dias de minha vida um cortiço tão cheio de mel como este! Vou derreiado!

Fizemos um bom negocio. O meu então parece carregado de pedras!

Os frades até alli meio mortos de susto, nem tinham podido fallar. Mas agora, o frei Balthazar ganhando animo de repente, deitou a cabeça de fóra e exclamou:

«Misericordia, senhores! misericordia!

Mal o frei Damião repetia tristemente como um echo:

«Misericordia! já os ladrões, pondo os cortiços em terra, empurravam para dentro, á força, as duas cabeças lastimosas.

Tiraram do bolso á pressa alguns pregos e ajudando-se com um calhao, pregaram fortemente a tampa dos cortiços.

Depois, atiraram com elles ao rio.

Ouviram-se dois gritos.

«Meu carissimo frei Damião!...

«Frei Balthazar, irmãosinho!...

Catrapuz! catrapuz!... dentro d'agua.

E mais nada a não ser os passos dos ladrões que se afastavam praguejando.

(*Continua*) *Gi.*

A ILHA DA MADEIRA

Ao nauta que do mar tempestuoso
Vem dos baldões asperrimos cansado,
Tu te mostras, ó ilha feiticeira,
Como, depois de somno fadigoso
De horriveis pezadellos,
Um dia delicioso,
Todo alegria e festa e raios bellos,
Um claro dia pelo sol doirado.

Se isto é hoje d'est'arte,
O que seria d'antes,
Quando te desvendaste a vez primeira
Da nevoa e do mysterio em grande parte
Á vista dos pasmados navegantes!
Que, não bastando ainda estar perdida
No meio do oceano,
Por seculos dos homens escondida
Em recondito arcano,
Tu, qual donzella candida e medrosa,
Que do banho sahisse,
E a nudez, vergonhosa,
De alvo cendal cobrisse,
Em manto de neblina te embuçavas;
E até do mar que ás plantas te gemia,
E até do proprio sol que te queria
A virgem formosura recatavas.

Porém chegou o dia
Pelo Eterno marcado,
Em que, apezar d'esquiva,
Te rendeste captiva
Do sol da nossa gloria á viva chamma,
Ao generoso brado
Do grande Henrique de perpetua fama,
Quando, assim como do Sinai o monte,
Sagres de raios coroou a fronte,
E, desmedido pharo,
Ao marinheiro ignaro
Fez dissipar as trevas do horisonte.

Pandas as brancas velas,
Atravessadas pela cruz de Christo,
Eis no liquido argento
As fortes, portuguezas caravellas
Correm ao sopro do inconstante vento.
Assim na edade-media a Europa ha visto
Assignalados por egual emblema,
Passarem os guerreiros
Á Asia, para em rabido combate
De annos e annos inteiros
Dar ao sagrado tumulo o resgate.
E o mesmo o nosso thema:
A fé; tambem o oriente procuramos,
E, como elles, tambem a amiga espada,
A par da cruz, intrepidos levamos
A uma outra cruzada.

Ruem os furacões; troam os ares;
É plumbeo o céo; das lobregas entranhas,
Quaes liquidas montanhas,
Volvem-se em desespero os torvos mares.
Pelas ondas corridos
Os pequenos baixeis tragam a morte,
Já quasi submergidos;
Porém não desanima a gente forte.
Invoca a soberana potestade,
Que a protege de ha muito, e a praia ignota,
Na escura cerração da tempestade,
Compadecida, lhe dirige a rota.

Alçando as mãos a Deus, inda molhadas
Das ondas salitrosas,
A maritima turba lh'agradece
As terras deparadas,
As vidas tanto a pique assim poupadas,
Com palavras piedosas,
E murmura esta prece:

Senhor, se, como outrora do teu povo
Os passos pelo ermo encaminhaste,
A este porto santo nos guiaste,
Dá-nos, dá-nos ainda um signal novo,
Outro maior signal de teus favores;
Teus filhos tambem somos;
Ás asperas fadigas,
Ao bravo pégo, ás armas inimigas

Por ti só, pela patria nos expomos;
Faze que esta primeira descoberta,
Que o dom d'esta ilha esteril e deserta
Seja seguido d'outros dons melhores.

Dizem; abaixam da cerulea altura
Os olhos; e, ao baixal-os, de repente
Vêem longe sahir de nevoa escura,
Que mais e mais se torna transparente,
Uma visão da phantazia ardente?
De um monte a sobranceira catadura?

Eia; ao mar; o Senhor nos presta ouvidos;
Temos fé que é verdade essa apparencia,
Não devaneio apenas dos sentidos.
É da sua clemencia
Quem sabe se o signal; ao mar corramos.
Bradam; soltam ao vento a larga vela;
Já chegam; já de todo a alva neblina
Aqui, ali, se esvae ou se adelgaça,
E mostra, meio occultas, com mais graça,
Flores, verdura, emmaranhados ramos,
Uma terra tão bella,
Que mais semelha apparição divina,
Ou cahida do céo fulgida estrella.

Assim aos denodados portuguezes
Appareceste, ó ilha da Madeira, [1]
Para os avigorares nos revezes;
Assim aos olhos de Noé outrora,
Depois das grandes aguas,
Appareceu o arco da alliança,
Entre elle e Deus, o iris da bonança,
Que do diluvio o confortou nas maguas.
Sim, tu foste a esperança
Que Deus, á nossa empreza favoravel,
Nos amostrou para nos dar alentos,
E, atravez do luctar dos elementos,
Cumprirmos nosso fado incomparavel.
D'aqui, cheios de arrojo, nós partimos,
E d'Asia, e d'Africa e do Novo Mundo
Em grande parte as plagas descobrimos,
E pelo pégo fundo
Em roda o globo co'es baixeis medimos.

Como és bella! Da Grecia conhecida,
Tu serias de Venus a morada,
Ou fôra, ao ver-te assim do mar sahida,
A nascença de Venus fabulada.
Ficara a téla dos Jardins d'Armida,
Sendo feita por ti, mais bem pintada,
E a descripção da Ilha dos Amores
Realçariam mais os teus primores.
Todos, á uma, os povos te namoram;
Mas a todos te mostras insensivel.
Embalde os filhos de Albion te exoram,
Te chamam Flor do Oceano immarcescivel.
Nossos antigos os primeiros foram;
Por outrem nos deixar não te é possivel.
Do céo, dos mares e de Deus á face
De nós comtigo se firmou o enlace.

Por seres tão fiel, tão portugueza
Mais ainda te estimo, ilha formosa;
Mas por laço diverso anda a ti presa
Minh'alma: da existencia trabalhosa
Com risos esmaltaste-me a tristeza,
Na quadra, embora amarga, descuidosa
Da passada, inexperta juventude,
Quando uns dias viver em ti eu pude.

E agora que de ti me tem distante
O logar e dos annos a carreira,
Phantazio-te ainda mais brilhante,
Vejo-te mais ainda feiticeira,
Que me recorda teu florir constante
A minha primavera passageira,
A minha tão querida mocidade,
E és para mim um echo, uma saudade.

Lisboa — 1898. *Ramos-Coelho*

OURO ESCONDIDO

NOVELLA ITALIANA DE SALVATORE FARINA

(Continuado do numero anterior)

XXIV

Turba antiga, picea lusente

Levantára-se o Frederico, haveria uma hora; visitára as flores da estufa, pensando que a estufa já lhe não pertencia, e achava-se no salãosinho do muzeu, contemplando as pedras vermelhas, unica herança dos seus antepassados que não despertaria a cobiça dos crédores. N'este comenos, entrou o engenheiro Enéas, e parecia ter entrado um temporal de verão, acompanhado de chuva de palavras consoladoras.

— Alviçaras! — gritou, largando um fornosinho de turba para abraçar o amigo. — Alviçaras!

— Ellas que venham! — respondeu o Frederico, com accento, porém, que desmentia a phrase.

— Nada! nada! — proseguiu o Enéas — ámanhã, se quizeres, apresenta esse gesto adusto, mas hoje, tens de estar alegre e de rir até mais não poder; sou eu que t'o peço! — Ainda sabes dar cambalhotas?... Dá lá uma... anda, assim!..

E juntou a acção á palavra, sacudindo depois com as mãos a parte do fato, maltratada por aquelle arranque gymnastico, e tirando do bolso do colête o relogio que, com a habitual indifferença, não podia marcar aquelle momento extraordinario na vida do dôno, disse com a maxima seriedade:

— Frederico da minh'alma; já não és... o que eras d'antes.

O Frederico tinha optimas razões para suspeitar que Enéas tão pouco era o que d'antes fôra, e ficou a olhar para elle de bôcca aberta.

— Procedi á analyse consciencioisa da turba e ouve lá do que é composta.

Materia lenhosa	50
Geina	12
Resina	6
Parafina	1 ½
Terra	2
Agua	13

Que dizes a isto?

— Que jamais o teria suspeitado — replicou o Frederico — Mas que significa tudo isso?

— Significa que a tua turba é da melhor, turba antiga, picea, lusente, da tal que se ri do carvão fossil; deixei-a apagar aqui agora mesmo; pouco antes ardia que nem um charuto; não tens mais do que...

— Adeante...

— Examinei tambem a tua propriedade desde a margem do lago: passados uns cem metros, medidos d'aqui, por baixo d'uma delgada cápa de terra de alluvião, é tudo turba antiga, picea, lusente, de primeira qualidade, não resta a minima duvida.

— De modo que?...

— De modo que não és já um... indigente (agora pode proferir-se a palavra) não, já não és um misero, porque a tua propriedade agora dobrou o valor, quando menos. Anda lá, ri-te, faze-me esse favor.

— O Frederico, porém, ficou tão serio como d'antes.

— Ri-te — insistiu o Enéas — porque esperas para te rir? — Não estás contente?

— Estou contentisimo — Podera não estar! e rio-me!... E' pois verdade tudo quanto me disseste? Não será um ludibrio para te vingares?

— Vingar-me? de quê? — perguntou Enéas com ingenuo espanto?

— Não estarás enganado?

— Qual enganado! Mas em que estas tu a pensar?

— Penso — respondeu o Frederico em tom dessassombrado — que me deste uma boa noticia e que ha motivo para que esteja alegre.

— Então agradece-me — homem de Deus!

— Obrigado!

— Bem, mas quero mais alguma coisa; quero uma parte da turba; tu bem sabes o que eu quero; já t'o pedi uma vez e queria t'o pagar; agora deves dar-m'o de graça; porque no fim de contas é coisa minha.

— O Frederico olhava fixo para elle, mas tinha o pensamento n'outra parte.

— Deves restituir-mos; dar-me-has com isso sumo prazer... e tambem á Amalia!

— O que?

— Os vales dos beijos; agóra não deves ter escrupulo em m'os ceder.

— E' verdade: não devo ter escrupulo — foi ella que te aconselhou que m'os exigisses?

O engenheiro Enéas não queria mentir e achou modo de dizer uma verdade que parecia tal qual uma mentira.

— Verdadeiramente,... não; não vás tu acreditar...

— Perfeitamente — respondeu o Frederico — são teus... concede-me tempo, porém, para me certificar...

— De que val mais a tua quinta? Queres uma prova immediata? — Compro-t'a agora mesmo e dou-te por ella o dobro do valor da avaliação... advirtindo, porém, que fazes um pessimo negocio...

Não havia que duvidar; o engenheiro fallava a sério de coisas que tinhu jus a conhecer cabalmente desde o dia em que sahia approvado por unanimidade da Escola de applicação.

Perfeitamente — repetiu o Frederico; — dize á Amelia, assim que se levantar, que venha comtigo, receber os vales, e agora deixa-me só por duas horas; tenho que pôr em ordem umas coisas.

— Vou levar a boa nova aos nossos amigos; ninguem sabe ainda...

O Frederico deixou-o ir até á porta, depois, chamou-ó e apertou-lhe ambas as mãos; quiz fallar mas não encontrou palavras.

— Ora ainda bem — disse o Enéas — que te vejo um tanto commovido... Com que então, eu, d'aqui a duas horas...

— Até d'aqui a duas horas... ah! escuta: como está o doutor Roque.

— Vae melhor.

— Adeus, Enéas.

— Até logo, Frederico.

Meia hora depois, quando o Joaquim e o Romulo foram informados d'aquelle capricho da sorte, que escolhêra um rival para reconstituir ao outro o patrimonio, em vez de se alegrarem, olharam um para o outro, consultando, silenciosos, a reciproca pallidez.

Não pode ter havido estupefacção mais legitima do que a que experimentou, n'aquelle momento, o engenheiro.

— Tendes todos uma veia de loucura — exclamou: — acho que será dos ares de Pusiano, ou então, sou um pedaço d'asno, e não entendo coisa nenhuma...

— Ah! — que foste fazer? — disse o Joaquim.

— O que eu fui fazer? Que queres tu dizer com isso?

— Onde está o Frederico?

— Deixei-o, não haverá ainda meia hora — no muzeu.

— Pois fica certo de que sahiu.

— Não digo que não... e isso que tem de extraordinario?

— E sabes aonde deve ter ido?

— Não?

— Ao lago — tomar um banho frio.

— Ou talvez — accrescentou o Romulo, á arvore mais proxima, para dansar um lindo bailado.

Em vão tentou o engenheiro obter explicação: os dois velhos safaram-se pela escada abaixo; correndo atraz d'elles. No ultimo patamar encontrou-se com a Amalia a quem explicou o que succedêra. Julgou que desataria a rir, e em vez de o fazer, a joven entrou a tremêr e teve de encostar-se á parede para não cahir; depois, enfiou tambem pela porta fóra e elle, atraz.

O Joaquim e o Romulo retrocediam já do muzeu, que encontraram fechado; as arvores, por aquellas cercanias, erguiam para o ceu os despidos e innocentes ramos, e sobre a neve immaculada não se notava o minimo resquicio da perfidia do destino.. Não sabiam o que haviam de pensar.

— Talvez fosse para o quarto sem que desses por isso — insinuou o Romulo.

Estas palavras fizeram emmudecer por um instante a todos, e medrozos, ficaram de ouvido á escuta, como se n'aquelle momento devêra retumbar nos áres o tiro d'uma pistolla.

Instantes depois, precipitam-se os velhos ambos pela escada acima... o Joaquim corria como se tivéra vinte annos e o Romulo galgava os degraus a tres e tres.

De repente, no meio das trevas que o circumdavam, distinguiu o engenheiro uma ideia — uma terrivel ideia.

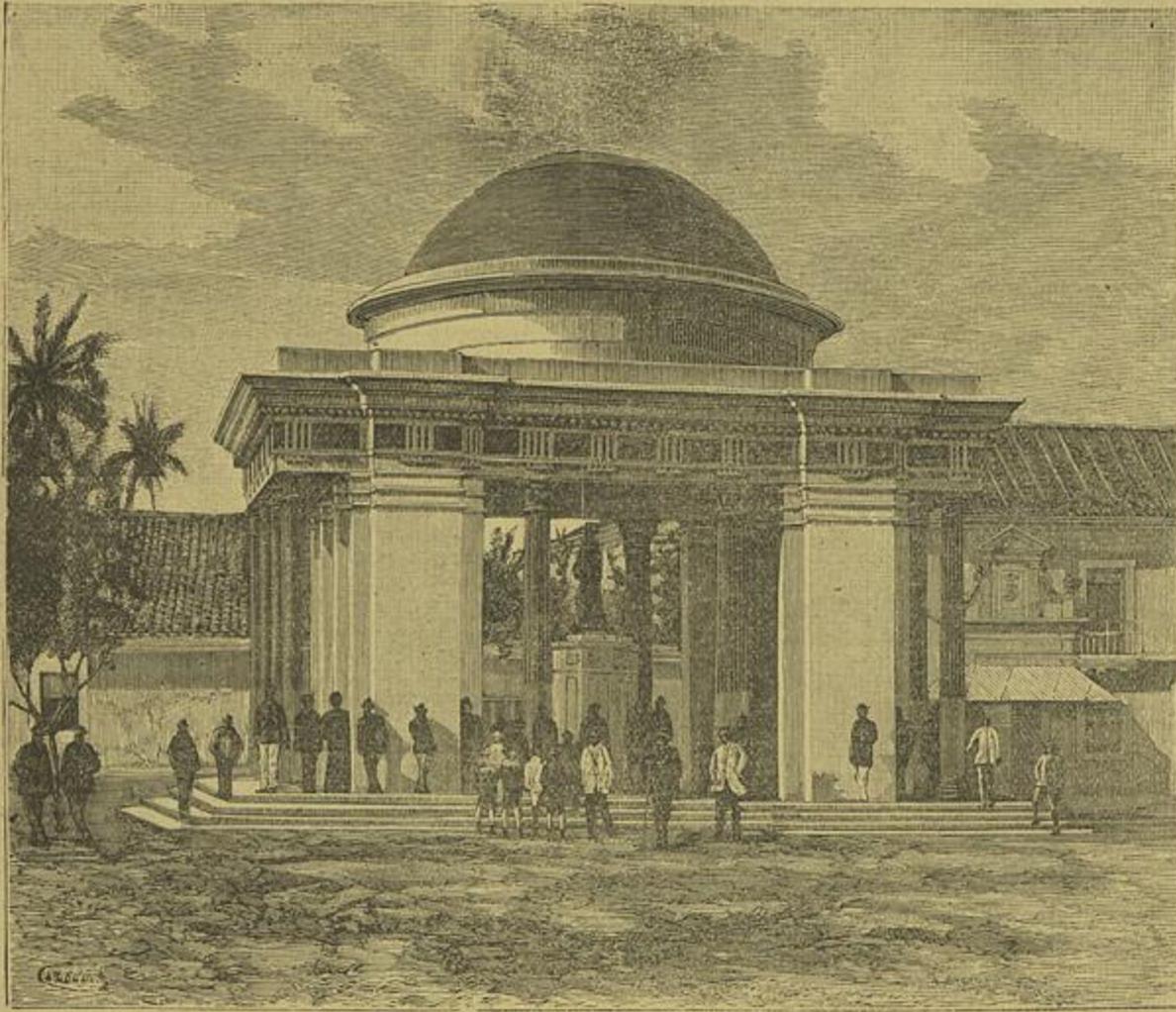
— Venha d'ahi — lhe disse a Amalia.

Transpozeram a breve distancia, e chegaram em frente do muzeu. Precipitou-se o Enéas para a porta, estava fechada; espreitou pelo buraco da fechadura — estava tapado; deitou-se no chão, applicou a bôcca a frincha da porta, e d'um salto, pallido como um defuncto, accudiu á janella pelo lado de fóra, com um murro partiu os vidros, e depois, sem cuidar da mão ensanguentada, nem da Amalia, que o seguia a tremer dos pés á cabeça, lançou a vista em derredor, deparou-se-lhe um banco de ferro, e brandindo-o como se fôra um ariete,a golpes repetidos desconjuntou as tabuas dos postigos, que estallando cederam. Instantes depois, o engenheiro penetrára no recinto e abrira, com egual violencia, a outra janella, da qual cahiu um fornilho de barro, espalhando pelo chão carvões em braza.

A Amalia, vendo isto, confirmaram-se-lhe as suspeitas e sentiu estranha fraqueza; deixou de

---

[1] Só por conveniencia poetica se tornou aqui immediatamente successivo ao descobrimento da ilha de Porto Santo o da ilha da Madeira, quando, segundo a opinião mais assente, foram distanciados um do outro pelo espaço de alguns mezes, se não de um anno.

CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DO CAMINHO MARITIMO PARA A INDIA

MONUMENTO A AFFONSO D'ALBUQUERQUE, EM GOA, *Vidè artigo Cinzas de Affonso d'Albuquerque*

(Copia de uma photographia do sr. Sousa & Paul)

tremer, moveu-se e quiz subir ao banco para olhar para dentro do aposento, porém o ar mortifero que d'ali vinha obrigou-a a recuar.

N'este momento, ouvia-se a voz do Enéas, gritando:

— Vive ainda... Animo!

Pouco depois, sentia a Amalia que alguem empurrava a poltrona de rodas em que ella propria se sentara, e livre agora a entrada poude ver o corpo prostrado e a face livida do Frederico.

— Aqui! aqui! — exclamou com voz trémula, ajudando a empurrar a poltrôna para longe das janellas.

Nada mais poude fazer, e não fazia muito mais o Enéas; debruçados ambos sobre aquelle corpo rigido, contemplavam-n'o, angustiados.

Frederico tinha os olhos em alvo; — acaso veria? — Pareceu-lhe ao engenheiro que o ouvia respirar, respiraria, porém?

Accudiram, por fim, os dois velhos, os quaes, posto não soubessem aconselhar coisa que aproveitasse, se lembraram ao menos do doutor Roque, e o Joaquim foi immediatamente buscal-o. Entretanto o Romulo, dando voltas em roda do misero joven, desatava-lhe a gravata e o collarinho, desviava-lhe as madeixas do cabello que tinha cahidas sobre os olhos, erguia-lhe um braço ou prestava, em fim, ao desditoso amigo outros serviços inuteis, respirando sempre com muita força como se transmittir-lhe quizera o proprio alento.

— Tem na mão, seja o que fôr — balbuceou o Enéas.

— Abriram, não sem violencia, o punho cerrado pela agonia, e extorquiram-lhe dois pedacinhos de papel... eram os dois vales!...

N'isto, a Amalia não poude resistir por mais tempo ao embate de tantas commoções, e desatou a chorar.

— Não chore — disse o Enéas — por Deus, não chore; — dizendo isto, porém, a soluçar.

N'este comenos, abria-se uma janella do primeiro andar, e o timbre formidavel do dr. Trombeta bradava:

— Levantem-lhe a cabeça; agarrem n'um pedaço de neve e esfreguem-lhe a cara e o peito.

(Continúa) *Pin-Sél.*

Recebemos e agradecemos:

Infelizes *(Historias vividas) — por D. Anna Osorio de Castro — Empreza Litteraria Lisbonense Libanio & Cunha. Lisboa 1898.*

É este livro um dos mais graciosos voluminhos de contos que teem apparecido modernamente no nosso meio litterario, tão falho d'este encantador genero de litteratura ligeira, pois que os contos são apreciados pela concisão do enredo, pelo limitado do assumpto, o que para a maioria das pessoas que lêem lhes é extremamente grato, pois n'alguns momentos apenas de leitura se interessam por um personagem de quem sabe. em poucas linhas, o nascimento, a vida e a morte. Nem todos teem a paciencia e a constancia de seguirem um longo romance em muitos volumes, nem o tempo a dispender-se dá margem á tal leitura.

Por estas razões é sempre bemvindo um novo livrinho de contos e á sr.ª D. Maria de Castro Osorio cabem justos elogios, porquanto tendo-se dedicado bastante a tão interessante genero de litteratura, conta já hoje um crescido numero d'essas suas narrativas. Nos livrinhos para as creanças, de que esta senhora é a auctora judiciosa falla-nos de principes maravilhosos e de reinos phantasticos; n'esta sua collecção *Infelizes* apresenta-nos historias reaes, *vividas*, que muitos leitores julgarão ter conhecido a historia ou as suas personagens.

Tanto n'uma especie como na outra os contos de D. Maria Osorio de Castro teem muito valor e os da ultima são dignos do maior apreço.

Lemos com prazer todas aquellas narrativas singelas e não sabemos quaes preferir para as citar aqui, mas distinguiremos todavia: *Dezoito Annos, Tio Barreiros, A senhora Angelica.*

A illustre auctora agradecemos a gentil offerta do seu encantador livrinho, um verdadeiro mimo litterario.

Publicações do Centenario. N'esta vastissima collecção das contribuições da Sociedade de Geographia de Lisboa, para a celebração do quarto centenario do descobrimento do caminho maritimo para a India, incluem-se mais as seguintes, que temos presentes:

Coisas da China, costumes e crenças, por Joaquim Heliodoro Callado Crespo, trabalho curioso e muito interessante;

Vasco da Gama, o bello presente de José Benoliel, que os nossos leitores já tiveram o prazer de apreciar e que saiu agora em folheto, precedido de uns *preludios* de Xavier da Cunha, o nosso illustre amigo e collaborador;

Lyricas de Luiz de Camões, com traducções francezas e cas telhanas de José Benoliel, prefaciadas por Xavier da Cunha, que no seu erudito prefacio nos mostra a importancia do patriotico e bello trabalho de José Benoliel.

Tambem nas publicações do centenario se enfileira um folheto do Instituto de Agronomia e Veterinaria na Exposição e Concursos de Alfaia Agricola realisada na real Tapada da Ajuda, em que patenteou os meios materiaes de ensino de que dispõe, conseguindo apresentar uma collecção deveras importante.

Os Dramas do Centenario. — Como se sabe, a commissão executiva do centenario apreciou em tempo os dramas admittidos ao concurso aberto de um drama nacional para commemoração do descobrimento do caminho maritimo para a India.

São tres dos trabalhos que concorreram então os que ora temos presentes.

Eis os seus titulos: *O auto dos esquecidos disposto em tres jornadas que se intitulam a partida, a chegada, o regresso e um prologo na scena*, por José de Sousa Monteiro, que foi o drama premiado; *O sonho da India, peça historica em tres actos e nove quadros* por Marcellino Mesquita; e *A descoberta da India, ou o reinado de D. Manoel, drama historico em 5 actos* por Arthur Lobo d'Avila.

Não discutiremos aqui por miudos a classificação dada a estes tres dramas pela commissão que presidiu ao concurso, embora ella mereça ser discutida. Basta saber-se que se premiou um trabalho litterario em que, tratando-se da glorificação de Vasco da Gama, elle não apparece sequer, faltando assim ao fito principal. O facto consummou-se com a recente entrega do premio de 1:000$000 réis ao feliz escriptor, unico que teve o prazer de ver representada a sua producção, honra de que eram tambem muito dignos *O Sonho da India* e o *Reinado de D. Manoel*, mas que não foram á scena por demandarem de largas despezas.

Em poucas palavras: mais uma vez imperou o nosso costumado criterio do *baratinho*.